

# Léon Back: Professor, cirurgião dentista e líder da comunidade judaica do Rio Grande do Sul (1908-1960)

**BRUNA KRIMBERG VON MUHLEN**

Psicóloga e mestranda em psicologia social no programa de pós-graduação em psicologia da PUCRS.



Léon Back

**ESCREVER SOBRE LÉON BACK, HOMEM IMPORTANTE NA SOCIEDADE MAIOR E,** sobretudo, na comunidade judaica de Porto Alegre na época da primeira imigração oficial vinda para o Rio Grande do Sul nos primeiros anos de século passado, é um prazer e um dever pelo ser humano admirável que foi. Meu interesse, primeiramente, foi pesquisar o judaísmo e suas vivências entre o prof. Back e os pioneiros judeus em nosso estado. Além de outros detalhes específicos, ele é ainda hoje citado e reconhecido entre os membros da comunidade, principalmente por uma geração ou duas que o conheceram mais tarde como professor e diretor do Colégio Júlio de Castilhos e cirurgião dentista. Conhecer a história de Léon Back me cativa e emociona, porque além de saber de sua exitosa atividade profissional como odontologista e professor e sua intensa atividade judaica voluntária, tenho o orgulho de ser sua trineta.

Inicialmente, é preciso citar a *Jewish Colonization Association* (JCA/ICA), instituição fundada oficialmente em 1892 em Londres pelo Barão von Hirsch e amigos, com uma política que trouxe oficialmente os primeiros imigrantes judeus para o Rio Grande do Sul (BACK, 1958).

A *Jewish Colonization Association* (ICA) foi uma das primeiras instituições de caridade organizada por pessoas de alto gabarito em administração sustentada por doações com finalidade específica. Sua história apresenta um grande número de facetas

diferentes, mas interconectadas. A maneira mais óbvia de apresentá-la é como uma grande empresa filantrópica, como realmente foi e ainda é. Mas foi uma empresa filantrópica diferente, pois nunca antes havia sido estabelecida uma imigração sistemática de judeus perseguidos, financiada por uma organização filantrópica, como disse seu fundador, o Barão Hirsch (NORMAN, 1985). Até 1978 a ICA foi considerada a maior fundação filantrópica do mundo (FRISCHER, 2010).

Nas décadas de 1880 e 1890 a situação dos judeus russos, miserável e entremeada pelos “pogroms”, foi a maior preocupação das comunidades judaicas do mundo. A ICA, através do patrocínio do Barão Hirsch, visou a buscar milhares de famílias de judeus europeus perseguidas, estabelecendo-as nas primeiras terras que comprou na América. Eram terras da Argentina, na América Latina. Mais tarde, o trabalho de assentamento agrícola foi expandido para o Brasil, Canadá e Estados Unidos.

A história da ICA pode ser apresentada como uma aventura selvagem e romântica sem precedentes. De fato, foi um traço aventureiro no caráter do Barão von Hirsch, primeiramente lançando sua fortuna no arriscado empreendimento de construir estradas de ferro na Turquia na segunda metade do século XIX (GUTFREIND, 2004). Quando esse projeto tornou-se realidade, o sucesso financeiro foi imenso e ele, com coragem e espírito humanitário, começou sua atividade mais importante, que consistiu em localizar judeus em países – além da Rússia – que os perseguiam e estabelecê-los em países onde se tornassem cidadãos iguais aos outros habitantes (BACK, 1958).

Tirá-los dos países da Europa onde viviam mal e levá-los para o pampa argentino, onde os únicos habitantes eram gaúchos que só falavam um pouco de espanhol e se ocupavam da terra e da sobrevivência de suas famílias, foi uma corajosa aven-

tura do Barão e seus colaboradores. São as histórias destes primeiros imigrantes e de outros que seguiram os primeiros que fizeram a História da ICA (BACK, 1958).



### O Barão Hirsch

Mas quem foi este grande, milionário e generoso Barão a quem os judeus se voltavam, há mais de 100 anos atrás, quando estavam em dificuldade – e com o qual, poderiam, sem dúvida, contar com uma resposta humanitária e financeira?

Moritz von Hirsch nasceu na Bavária, em 1831, numa família judia. O “von” significa que seus antepassados eram aristocratas. Na época, os judeus da Alemanha não obtinham honras oficiais com frequência. Jacob Hirsch, avô de Moritz, em 1818, foi muito respeitado por sua competência como banqueiro. Seu nome mereceu provas de sua

qualificação, e por isso foi agraciado com o título “von” (NORMAN, 1985).

Os Hirsch, Moritz (o futuro barão), seu pai, Joseph, e seu avô, Jacob, trabalharam também em diversos outros processos legais. Moritz, apesar da grande fortuna mesmo quando jovem, já se envolvia em problemas judaicos, defendendo judeus perseguidos (NORMAN, 1985).

Moritz foi um grande homem de negócios, aos 14 anos já foi enviado a Bruxelas para trabalhar numa instituição bancária. Com 24 anos casou-se com Clara Bischoffsheim, filha do banqueiro sócio de Hirsch. Depois se tornou membro da “Comissão Central da “Aliança Israelita” Universal” (NORMAN, 1985).

Em 1848, Hirsch começou a trabalhar com estradas de ferro. Obteve uma concessão do Governo Otomano em 1869, e tornou-se um magnata, proprietário de uma das maiores empresas de estradas de ferro até então na Rússia, Hungria e Áustria, logo avançando por todos os continentes. Além das estradas, ele adquiriu propriedades de terra em vários países. Sua fortuna foi estimada em cento e cinquenta milhões de dólares, e fazia parte do círculo social da realeza inglesa (NORMAN, 1985).

Moritz e Clara tiveram dois filhos: uma menina, que morreu na infância, e um menino, morto de pneumonia aos 31 anos. A morte de seus filhos não desestimulou seu trabalho nem seus atos de caridade. Ele dizia: “Perdi meu filho, mas não meu herdeiro; toda a humanidade é minha herdeira.” (citado por NORMAN, 1985, p. 13, tradução minha). Clara também se preocupava pela situação dos judeus pobres da Turquia e dos Balcãs. Em dezembro de 1873, eles doaram um milhão de francos ao programa educacional da “Aliança Israelita” na Turquia. Esta instituição contou com suas contribuições por muitos anos (NORMAN, 1984).

Em 1988, para melhorar a vida de judeus da

Europa oriental, o barão ofereceu dois milhões de libras esterlinas para fundar escolas profissionais e agrícolas na Rússia, mas a doação foi proibida pelo governo russo. Após este fato, ele concluiu que os judeus russos só poderiam ser salvos através da imigração. Assim, em 1881, doou quase dois milhões de libras para criar a ICA (*Enciclopédia Judaica*, 1967).

O Barão de Hirsch disse, em relação à ICA: “Sou contra o antigo sistema de caridade que somente produz mais e indigentes: e considero o maior problema da filantropia mudar seres humanos capazes de trabalhar, que de mendigos podem se transformar em membros úteis a sociedade” (citado por norman, 1985, p. 1).

De acordo com Léon Back (*apud* GUTFREIND, 2004, p.37):

(...) o então presidente da ICA, Narcisse Leven, advogado da Corte de apelação de Paris, sugeriu ao vice-presidente Franz Philippson, banqueiro belga, presidente da Companhia de Estradas de Ferro da Argentina e do Rio Grande do Sul, a conveniência que a Sociedade teria em comprar e colonizar terras no extremo sul do Brasil, no Estado do Rio Grande do Sul, com fronteiras com a Argentina. O Conselho que estudava a compra de mais terras na Argentina aprovou a ideia e, em 1900, uma comissão de estudos visitou o Rio Grande do Sul e emitiu um parecer favorável.

Segundo Back, “A compra e a colonização de terras no Rio Grande do Sul enalteceu o espírito de hospitalidade, de justiça e de tolerância que reina no Brasil, as qualidades da terra e do clima do sul do país e o grandioso futuro que decididamente é reservado a esta vasta república” (BACK, 1958, p. 272).

Foi assim que a ICA iniciou sua atuação no

Brasil no início do século passado. Comprou terras no Rio Grande do Sul, fundando primeiramente a colônia de Philippson (nome dado em homenagem ao vice-presidente da instituição, Franz Philippson), em 1904, e depois a colônia de Quatro Irmãos, em 1909 (EIZIRIK, 1984). A entidade visava a permitir que judeus lutassem por sua independência econômica através do trabalho agrícola (VERBA, 2011).

Diz Léon Back sobre a imigração judaica no Rio Grande do Sul, na *Enciclopédia Rio-grandense*:

A ICA pagava as despesas da viagem e dava, em Philipson, a cada colono, um lote de 25 a 30 hectares de terra de campo e mato, uma casa para moradia, instrumentos de trabalho agrícola, 2 juntas de bois, 2 vacas, um cavalo e enquanto não pudessem viver das colheitas, dava-lhes um suprimento em dinheiro; variável de acordo com o número de pessoas da família (BACK, 1958, p. 273).

E foi nesta etapa da primeira imigração judaica oficial no Rio Grande do Sul que se ouve falar pela primeira vez no Prof. Léon Back, que veio para o Brasil contratado pela ICA, procedente de Paris, onde estudou e tornou-se professor e dentista.

Léon Isaac Levy Back nasceu em Bucareste em 13 de março de 1882 e ali fez seus primeiros estudos, seguindo com doze anos de idade para Paris, onde foi recebido por seu irmão mais velho, Abraham Back, talmudista e rabino na capital francesa. Formou-se na Escola Normal Oriental de Paris e em 1902 começou a lecionar na *École Horticole et Professionnelle du Plessis-Piquet*, da qual também era subdiretor, até ser contratado pela ICA para trabalhar no Brasil como professor de português dos imigrantes russos que viviam em Philippon, principalmente das crianças (BACK, 1958; SCLIAR, 2000).

Segundo Spalding (1969), Léon Back foi escolhido para ser professor da ICA por sua cultura e capacidade, pois, de 1905 a 1907 ele se dedicara também ao estudo do alemão e do português, além de se formar em Odontologia. Seguiu para Portugal, enviado pela ICA, ficando em Lisboa até 1908, aperfeiçoando-se na língua de Camões. Nesse mesmo ano, despediu-se dos irmãos em Paris e partiu para o Brasil, onde deveria ficar somente dois anos como professor e fundador da Escola de Philippson e outras que se fundassem, a fim de acelerar a adaptação dos imigrantes judeus à nova pátria.

A ICA fez um convênio com o Governo do Estado porque o mesmo não mantinha escolas nas Colônias. Uma escola mista foi instalada, e quando em fins de 1908 chegou o professor, este começou a ensinar português para crianças de manhã e para adultos à tarde. Todos os alunos (as) deveriam ser educados como brasileiros (as), por isso na escola só se permitia falar o português e o hebraico, com exceção de alunos de origem africana, filhos de trabalhadores da viação férrea, que moravam ali perto. Estes foram convidados pelo professor, com a permissão da ICA, a assistir as aulas na nova escola da colônia (BACK, 1958).

Chegou ao Brasil em cinco de junho de 1908 e instalou logo uma escola mista em Philippon. Os alunos foram todos registrados na escola com seus nomes traduzidos e aportuguesados, por influência do professor. Assim, as “Mindl” transformaram-se em Manuela, e os “Moishes” em Miguel ou Manuel. E todos conservaram para sempre os prenomes recebidos na escola de Philippon. Muitos alunos moravam em lotes distantes da escola e eram obrigados a percorrer a pé quilômetros e quilômetros para poderem estudar. Levavam de casa uma marmita com comida, pois só conseguiam retornar quando já era noite. Quase nenhuma criança faltava às aulas (BACK, 1958).

Na França, Léon Back deixou todos seus irmãos e irmãs. Após a invasão nazista em Paris, a família foi quase toda dizimada. Restaram uma irmã, um irmão e alguns sobrinhos. Duas sobrinhas conseguiram imigrar para a Palestina. Back só voltou à França em 1948, quando conseguiu juntar um dinheiro para levar sua querida Alegria à Europa para conhecer sua adorada Paris e a família que havia sobrevivido à guerra.

Pesquisando nos arquivos de Gladis Krimberg os documentos escritos à mão deixados por ele, toma-se conhecimento da história de seu sobrenome.

O próprio Léon escreveu em 1955 para sua sobrinha Joelle Widra, que vivia em Israel, sobre estes pormenores, que se encontram em um livro sobre genealogias, na Biblioteca Israelita de Paris, segundo depoimento de Gladis Krimberg. Ali diz que eles eram descendentes diretos da família do Grã-Rabino de Praga, na época da Segunda Cruzada:

Antes da última guerra havia em Paris, ao lado da Escola Normal Israelita Oriental (59, rue d'Auteuil), uma importante biblioteca judaica, onde meu irmão Abraham era o diretor. (Biblioteca arrasada pelos nazistas). Certa vez Abraham, meu irmão, contou-me que havia um velho livro naquela biblioteca, onde se podia encontrar biografias de algumas das famílias judias mais célebres de antigamente. Lá ele encontrou a seguinte história: na época da 2a. Cruzada, quando os judeus da Europa Central eram massacrados para obrigá-los a se converter, existia em Praga (Boêmia) um famoso rabino a quem, em vão, queriam obrigar a se converter. Mas, diz o livro, tantas coisas extraordinárias "nissimvani-floath" aconteceram com este rabino, que, tempos depois, um grande número de rabinos vindos

de diferentes regiões reuniram-se em Praga e lhe concederam o título de "Ben Kedoshim". E, a partir daquele dia, seus descendentes, diz o livro, passaram a assinar seus nomes com as iniciais B e K (o autor da carta escreve as letras em hebraico). No livro aparecem os nomes dos descendentes até o do meu bisavô, contemporâneo do autor. Este meu bisavô, ABRAHAM BACK {...}, marido da irmã do famoso "Reb Levi Itshok der Berdischever". Um dos filhos de Abraham foi LEVI ITSC HOK BACK, meu avô, pelo qual me foi dado meu nome: ITSCHOK LEVI. Mas meu pai inverteu a ordem dos fatores: ele teve medo de permitir que mais tarde alguém que não fosse bastante "Froum" usasse o nome do famoso rabino, por isso meu nome ficou Léon Isaac Levy Back. (carta escrita por Léon Back, em posse de Gladis Krimberg).

Desde sua chegada ao Rio Grande, o professor passou a se preocupar com o estudo de seus alunos. A Colônia de Philippson foi se desenvolvendo vagarosamente e a vida do professor no Brasil foi mudando, principalmente no final de seu contrato com a ICA (BACK, 1958).

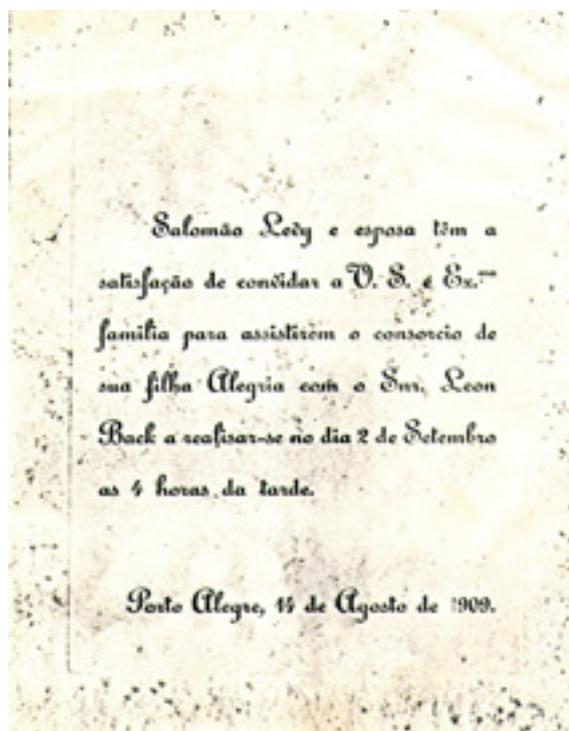
Durante sua estada em Philippson, o professor Back vinha seguidamente a Porto Alegre em busca de material escolar e orientação oficial. Em uma destas vindas conheceu a família de Salomão Levy e apaixonou-se pela filha Alegria, a doce senhorita de ascendência portuguesa marroquina.

Foram quase dois anos de troca diária de cartas em francês e português entre Philippson e Porto Alegre. Esta correspondência emocionante foi guardada por ele e a família hoje mantém com carinho uma caixa decorada com a correspondência amorosa dos noivos, segundo depoimento de Gladis Krimberg.



### Alegria e Léon Back

Em 02 de setembro de 1909, quase ao término dos dois anos iniciais de seu contrato com a ICA, o prof. Back casou com Alegria Levy. Foram para Philippon, mas depois de uns meses voltaram para a capital porque Alegria era moça de cidade e não se adaptou na colônia. Em Porto Alegre, ela havia estudado português e francês, e depois de casada só se comunicava em francês com o esposo e depois com os filhos. Salomão e Sarah Levy, pais de Alegria, já viviam em Porto Alegre desde o século XIX. Salomão Levy nasceu no Marrocos e Sarah em Lisboa. Foi a primeira família judia que veio viver em Porto Alegre, em 1896 (BACK, 1958).



Convite de casamento de Alegria e Léon Back

Do casamento de Alegria e Léon nasceram quatro filhos: Jayme Back, casado com Tanha Sibemberg; Lisette Back, casada com Idél Russowsky; Esther, casada com Benjamim Galanternick; e Joely Back, casado com Mariela Eisenberg, cujo pai foi o Dr. Isidoro Eisenberg, último diretor da ICA em Quatro Irmãos. A família aumentou e eles tiveram oito netos e conheceram três bisnetos. Hoje entre seus descendentes fazem parte mais dez bisnetos e quinze trinnetos.

Segundo anotações de Gladis Krimberg, no fim do mesmo ano em que casou, em 1909, Léon se demitiu do cargo de professor em Philippon, fixou residência em Porto Alegre, onde se estabeleceu como comerciante e iniciou suas atividades profissionais, religiosas e sociais e aperfeiçoou seus estudos de odontologia, começados na Europa. Em 1913, deu à sua vida um rumo definitivo: trabalhou como dentista e professor, profissões que exerceu durante toda sua vida na capital gaúcha.

Mas nunca se afastou da ICA. Durante muitos anos serviu de elo entre a diretoria da ICA de Philipson e depois de Quatro Irmãos e dirigentes do Governo do Estado. As correspondências da ICA que vinham de Paris para diversos órgãos do governo do RS passavam pelo Dr. Léon Back para serem traduzidas e discutidas com o governador e outros servidores do governo, como Secretários da Agricultura, do Interior e da Fazenda (BACK, 1955).

Léon se impusera deveres com a comunidade judaica do Rio Grande do Sul, inclusive com os antigos colonos de Philipson e mais tarde também com os de Quatro Irmãos. Em Porto Alegre, era chamado muitíssimas vezes às residências de imigrantes judeus que moravam no bairro Bom Fim (não só os de ascendência russa, mas de outras etnias que já estavam no Brasil) para apaziguar discussões entre casais, vizinhos e comerciantes! Além de inteligente e culto, era uma pessoa amável e educada, por isso, bem quisto por todos. Foi padrinho de inúmeros bebês nascidos nessa época (SPALDING, 1969).

Léon Back tornou-se uma espécie de Cônsul Honorário da comunidade judaica de Porto Alegre e intermediava relações com as associações judaicas em todo o mundo (SPALDING, 1969).

Como professor de francês e diretor do Colégio Júlio de Castilhos foi também um gramático, pois além de lecionar, editava regras de gramática da língua francesa que facilitou muitas vezes o estudo de seus alunos, de alguns professores e até de seus netos. Eram regrinhas que não se encontravam nas Gramáticas publicadas. Foi convidado mais de doze vezes para ser Paraninfo de turmas que se formavam no Julinho. Mais tarde e até hoje, grande número de profissionais judeus se orgulha de dizer que foi aluno do Prof. Back. (SPALDING, 1969)

Em 1910, Léon foi um dos fundadores, juntamente com seu sogro Salomão Levy, da Sinagoga

União Israelita Porto Alegrense, exercendo primeiramente o cargo de secretário e depois de presidente em várias gestões. Em 1912, organizou com outros ativistas da comunidade, cursos de língua *ídi-che* e de religião. Em 1915, foi um dos fundadores da “Laispar-Kasse” (Caixa de Pecúlio e Empréstimos), instituição que presidiu durante muitos anos. Também participava de reuniões e eventos promovidos pela Organização Sionista (BACK, 1958).



Placa em homenagem à fundação da Sinagoga União Israelita Porto Alegrense, 1910

Após a Primeira Grande Guerra, foi também um dos fundadores e presidente do Comitê de Auxílio aos imigrantes judeus e representantes de entidades internacionais que se preocupavam com a imigração judaica. Era intérprete, companheiro e conselheiro constante da comunidade que se formava. Em 1930, fundou, com presidentes de entidade judaicas da época, a que hoje é a Federação

Israelita do Rio Grande do Sul, tendo sido seu primeiro presidente. Como relata Eizirik,

Em outubro de 1930 foi, por iniciativa de Léon Back, foi convocada uma reunião dos presidentes de 15 sociedades israelitas e formada a Federação das Sociedades Israelitas do Rio Grande do Sul. Na qualidade de presidente da Federação, o Dr. Back interveio várias vezes junto às autoridades em favor dos interesses coletivos (TZVI IUSSEM, 1957, p. 26, citado por EIZIRIK, 1984, p. 35).

Uma década e meia depois, “em 1946, quando o Dr. Maurício Seligman assumiu a presidência da Unificada, passa a atuar como dirigente da coletividade, e periodicamente todas as entidades israelitas locais são convocadas a participar juntos, em todas as resoluções referentes aos assuntos da comunidade.” “Todos os sucessores do Dr. Seligman continuam a mesma orientação e a Unificada segue atuando como a Federação de Porto alegre, até que em dezembro de 1962, na gestão do Dr. Gildo Milman e por sua iniciativa, após uma série de reuniões e assembleias das sociedades foi novamente constituída a Federação das Entidades Israelitas Brasileiras do Rio Grande do Sul” (EIZIRIK, 1984, p. 35).

Durante toda 2ª Guerra Mundial, pelo seu alto grau de cultura geral e judaica, auxiliou muitos imigrantes alemães, introduzindo-os na comunidade. Juntamente com o sr. Kurt Weil, estava sempre presente quando alguém precisava de uma tradução e de uma ajuda na conversação (BACK, 1957).

Como já foi mencionado acima, Léon Back foi igualmente fundador de várias sociedades judaicas, achando tempo para tudo tratar sem nada prejudicar. E a par de tantas atividades, tomava notas e escrevia. Como resultado dessas notas, deixou dois trabalhos sobre a colonização judaica no Rio Grande do Sul, de valor imenso, pois serviu de base à

maioria dos escritores que editaram livros sobre a Imigração Judaica no Rio Grande do Sul. (BACK, 1957, 1958)

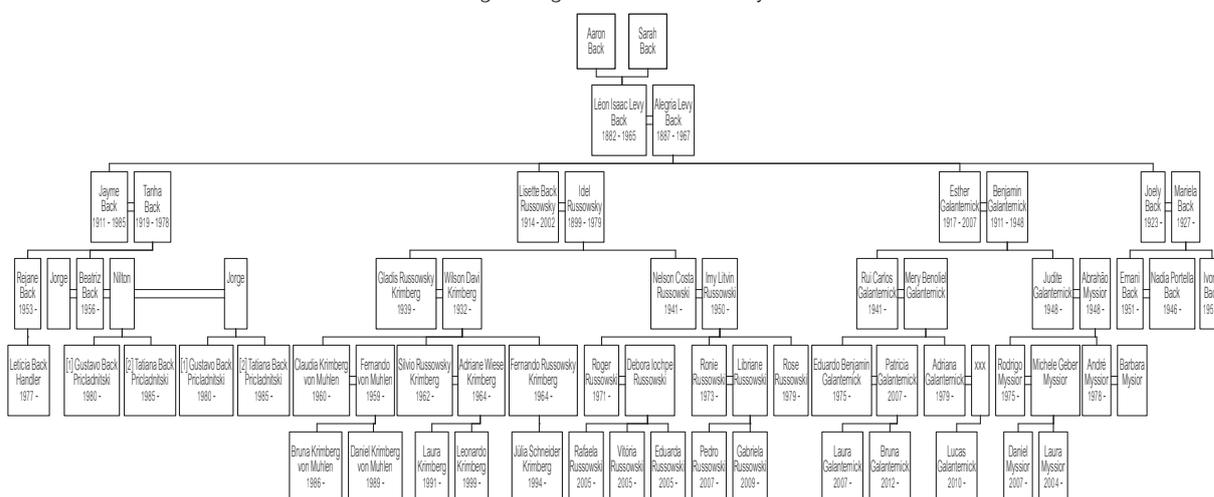
Por fim, Léon Back requereu sua naturalização ao chegar em Porto Alegre e foi como brasileiro que trabalhou e agiu no Rio Grande do Sul, “dedicadamente, com raciocínio, alma e coração”, até seu falecimento, em seis de maio de 1965 em Porto Alegre, aos 83 anos. Recebeu homenagens do Governo do Estado, do Colégio Estadual Júlio de Castilhos, do Consulado Francês e da Sinagoga União Israelita Porto-Alegrense. (SPALDING, 1969)

Citando mais uma vez Walter Spalding, que adicionou, entre outros gaúchos importantes, a biografia de Léon Back em seu livro “Construtores do Rio Grande”:

O Dr. Léon Back foi agraciado com o Diploma e Medalha do Mérito Educacional do “Ministère de l'Éducation Nationale”, da França, por serviços prestados à educação francesa como professor de francês (Paris, 20 de fevereiro de 1948) e foi alvo de várias homenagens por ocasião de sua jubilação, especialmente no Colégio Júlio de Castilhos, onde também lhe prestaram comovente manifestação ao falecer. Como membro de destaque do Lar dos Velhos da Comunidade Israelita, também aí, como homenagem à sua atuação, foi colocada uma placa comemorativa, ao ser inaugurada a bela instituição (SPALDING, 1969, p. 139).

Esta é a história de um personagem judeu, inteligente, culto, educado que dedicou boa parte de sua vida às causas judaicas que estavam ao seu alcance. Representou a comunidade judaica e fez parte da comunidade maior de sua época com grande sabedoria e privilegiada educação trazida da Europa, a qual repassou aos seus descendentes que se orgulham até hoje de tê-lo como antepassado.

Árvore genealógica de Léon Isaac Levy Back



## REFERÊNCIAS

BACK, Léon. “Comunidades Judaicas” in BECKER, Klaus (org.). *Enciclopédia Rio-Grandense*, v. 4. Canoas: Editora Regional, 1957, p. 323-333.

\_\_\_\_\_. “Imigração Judaica no Rio Grande do Sul” in BECKER, Klaus (org.). *Enciclopédia Rio-Grandense*, v. 5. Canoas: Editora Regional, 1958, p. 269-280.

EIZIRIK, Moysés. *Aspectos da vida judaica no Rio Grande do Sul*. Caxias do Sul/Porto Alegre: Editora da Universidade de Caxias do Sul/Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1984.

ENCICLOPÉDIA JUDAICA, v. 2, Rio de Janeiro: Editora Tradição S. A, 1967, p. 605.

FRISCHER, Dominique. “O Barão de Hirsch e a imigração judaica para o Novo Mundo”. *WebMosaica*, Porto Alegre, Revista do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall, v.2 n.1, jan-jun, 2010, p. 128-134.

GUTFREIND, Ieda. “Imigramos na esperança de uma vida melhor” in WAINBERG, Jacques (coord.). *Cem Anos de Amor: a imigração judaica para o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Federação Israelita do Rio Grande do Sul, 2004, p. 13-39.

\_\_\_\_\_. “A atuação da Jewish Colonization Association (ICA) no Rio Grande do Sul: A colônia Philipppson”. *WebMosaica*, Porto Alegre, Revista do Instituto Cultural Judaico Marc

Chagall, v. 1, n.1, 2009, p.108-112.

NORMAN, Theodore. *An outstretched arm: A history of the Jewish Colonization Association*. London; Boston; Melbourne: Routledge & Kegan Paul, 1985. Consultado em <http://archive.org/details/cu31924011030396>, em 11/06/2012.

SCLIAR, Moacyr. *Entre Moisés e Macunaima: Os judeus que descobriram o Brasil*. Rio de Janeiro: Garamond, 2000, 131 p.

SPALDING, Walter. “León Isaac Levi Back” (p.137-139) in *Construtores do Rio Grande*. II volume. Porto Alegre: Livraria Sulina editora, 1969, 275 p.

VERBA, Iuri T. “Filantropia ou Negócios? Análise da relação entre a Jewish Colonization Association e a Compagnie Auxiliaire des Chemins de Fer au Brésil”. *Revista da Graduação*, Porto Alegre, v. 4 n 1, 2011. (Trabalho de conclusão do curso de graduação em História, da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul em 2010, 65p).

WAINBERG, Jacques (coord.). *Cem Anos de Amor: a imigração judaica para o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Federação Israelita do Rio Grande do Sul, 2004.

Recebido em 31/03/12

Aceito em 20/06/12